

Márcia Regina Batista¹Paulo César Ruas Oliveira Santos²

Resumo: No processo de abolição da escravatura dos Estados Unidos da América, a rejeição por parte dos nortistas de indenização aos sulistas pela perda de seus escravos e, a não aceitação desses últimos da extinção de sua principal mão de obra, mais questões tarifárias, resultou na Guerra Civil Americana (1861 -1865), tendo como resultado a morte de 600 mil indivíduos, custado mais de seis bilhões de dólares em impostos e a perda de muitas propriedades. Inconformados com a nova ordem vigente e apoiados pelo então imperador brasileiro D. Pedro II, algumas famílias sulistas dos Estados do Alabama, Texas, Louisiana, Tennessee, Carolina do Sul, Florida, Mississipi e da Virgínia optaram por migrarem para o Brasil, formando núcleos coloniais em São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Em seu auto-exílio, os norte-americanos encontraram no Brasil escravocrata, a estreita ligação com a mentalidade escravista predominante no sul dos Estados Unidos - ainda - em meados do século XIX. O processo imigratório norte-americano em terras capixabas, parte justamente desse inconformismo sulista e, da busca de terras onde pudessem retornar a sua atividade agrícola assentada na mão de obra escrava, onde em 1865 um grupo de indivíduos se instalou às margens do lago Juparanã e do Rio Doce, numa região tropical ainda caracterizada por surtos de malária. A presente comunicação deseja apresentar as características da imigração dessas primeiras famílias de origem norte-americana para o Espírito Santo e, suas contribuições no estrato social, econômico e cultural da formação da identidade capixaba.

Palavras-chave: Auto-exílio; Imigração; Linhares; Norte-americanos; Núcleos coloniais.

Confederados no Brasil

As constantes levas de imigrantes que chegaram ao Brasil no século XIX trouxeram consigo na bagagem muita de sua cultura, que enriqueceu a vida do povo brasileiro, muito se tem falado sobre as levas de imigrantes alemães e italianos, e não podia deixar de ser uma vez que estes vieram em grande número e seus muitos descendentes ainda se destacam em muitas regiões brasileiras. Outras levas, nem tão numerosas, também vieram aportar aqui e sua história é menos divulgada, entre esses, temos a imigração dos confederados norte-americanos (HARTER, 1885).

A Guerra Civil americana (1861 – 1865) e a derrota dos Confederados, levou muitos sulistas imaginar que era hora de abandonar a terra natal e a proximidade dos inimigos ianques e, encontrar outras terras onde pudessem viver e reconstruir seu modo de vida. Para Eugene C. Harter (1985)³, durante muito tempo se subestimou o número de imigrantes norte-americanos que vieram para o Brasil, sendo reduzido a poucas centenas de almas. Destaca que três milhões de pessoas saíram das antigas colônias do Sul em direção ao Oeste e Norte dos Estados Unidos, Canadá e México. Sendo que para o Brasil não se sabe o número exato.

Na ilustração de suas afirmações, Harter descreve sobre a imprecisão dos números relativos aos Confederados e, observa que nos anos de 1860 e 1870 ninguém se dava ao trabalho de precisar quantos norte-americanos entravam no Brasil. Ele cita o caso de Charles MacFadden, filho de um Confederado já na segunda geração, que em entrevista concedida à PBS televisão, dizia que os nortistas não possuíam passaporte, eles simplesmente entravam em um navio e rumavam para o sul. O registro cuidadoso de

1 Especialista em Orientação Educacional. Universidade Salgado de Oliveira – RJ

2 Mestre em História Social das Relações Políticas – UFES.

3 Eugene C. Harter, descendente de confederados, nasceu no Rio de Janeiro, e mudou-se para aos Estados Unidos em 1935, com a mãe o pai e dois irmãos. Formou-se em Wittenberg Universit de Ohio, trabalhou 14 anos como jornalista do Meio Oeste e do Sul. Ingressou no serviço diplomático dos Estados Unidos, atuando em Beirute no Líbano e na Cidade do México, em 1971 voltou como diplomata para o Brasil.

imigrantes no Brasil só começa a ser feito a partir de 1884.

Já Charles Nathan, que residia há muito no Brasil, calculou que entre os anos de 1860 e 1870, cerca de dois mil e novecentos imigrantes sulistas entraram no Brasil (1867-1871). No entanto ele só computava os que tinham chegado pelo porto do Rio de Janeiro. Não existe, contudo, nenhuma referência de quem seria esse Charles Nathan, de onde ele obteve essas informações e nem como que essas informações chegaram até Harter.

Harter (1985)⁴ nota que os americanos se dedicaram pouco ao fenômeno da imigração, o fato do governo brasileiro tentar atrair os sulistas após a guerra, não mereceu muita atenção uma vez que a reconstrução da nação era a prioridade naquele momento. Na época o êxodo era uma febre, a 'febre do Brasil'. Alguns jornais deixaram de publicar notícias para não estimular a emigração, outros publicaram editoriais contrários para tentar reter a saída, mas nada funcionou.

Ainda seguindo a mesma linha de pensamento, o autor afirma que fontes como a Revista de Imigração e Colonização Brasileiras, do Departamento Nacional de Imigração, somadas a reportagens de jornais e dados pessoais preservados pelos descendentes, tornam seguro afirmar que o número de imigrantes norte-americanos que entraram no Brasil, passam dos vinte mil e que seus descendentes, a época da pesquisa, já somavam cem mil pessoas. Num outro pólo de pensamento, Fernando Lazaro de Barros Basto (1970) elenca que as estatísticas oficiais brasileiras, referem-se à entrada de imigrante a partir de 1844, e que dessa data até 1868, entraram no Brasil 38.934 norte-americanos vindos tanto do Norte quanto do Sul, eram em sua maior parte protestantes e a maioria exercia atividade técnica em empresas norte-americanas.

Célio Antônio Alcântara Silva, no prefácio que fez para o livro "*Nossas Vidas no Brasil*" de Jùlia Louisa Lee Hentz Keyes, afirma que entre oito a dez mil confederados deixaram os Estados Unidos em direção ao Brasil, México, Cuba, Venezuela e outros países da América Latina. Para o Brasil teriam vindo entre dois e quatro mil. Esses migraram motivados apenas por motivos políticos, o que diferenciava dos outros grupos migratórios que vieram em busca de melhores condições econômicas.

Quanto ao perfil dos imigrantes sulistas, esses se constituíam de fazendeiros, agricultores profissionais e agricultores eventuais, ou seja, almirantes, generais, governadores, senadores, mecânicos, maquinistas, pregadores, professores. Nota-se que americanos temiam que a migração retirasse do Sul seus cidadãos mais vigorosos (seus líderes, seus engenheiros, seus médicos). As autoridades de Washington viam a situação com desagrado, para eles era um absurdo pensar que americanos pudessem partir, afinal os Estados Unidos da América era a terra que acolhia de braços abertos as massas de imigrantes em seus portos do Leste, enquanto os Confederados saíam pelo Sul (HARTER, 1985).

Durante o período da emigração sulista, os jornais, entre eles O Charleston Daily News and Courier, New Orleans Times, o True Delta and Crescent, o Alabama State Journal e o Mobile Daily Registre, publicavam com entusiasmo as mal sucedidas tentativas de vir para o Brasil.

4 O desconhecimento dos americanos em relação aos imigrantes confederados que vieram para o Brasil, levou Harter a uma ação de promover esse conhecimento, para isso ele levava os visitantes americanos, em especial os jornalistas, às regiões que se formaram a partir dessa colonização, principalmente Americana, em São Paulo. Seu objetivo era que retornando a terra natal eles escrevessem, em seus jornais, sobre os compatriotas perdidos após a Guerra Civil. Entre os visitantes mais famosos encontramos o governador da Geórgia, Jimmy Carter, e o assessor de imprensa Jodie Powell, em 1972.

Na noite passada chegou ao Central Hotel um grupo de senhoras e senhores que deixaram ao Brasil no mês passado, profunda, total e claramente desgostosos com seus novos lares entre as massas híbridas deste superestimado, ultralisonjeado país que é o Brasil. O grupo é todo de gente do Alabama [...] Declaram que no Brasil não existe um governo organizado - não há nenhuma sociedade - há pouco refinamento entre os habitantes - nenhuma ambição louvável - nenhuma maneira de se ganhar dinheiro - as pessoas praticamente desconhecem o significado da palavra "gentileza" [...] (MONTGOMERY ADVERSIT, 1867 *apud* HARTER, 1985:28).

Para opor a essa reportagem, Harter (1985) cita uma carta de Charles Gunter⁵, que foi enviada ao editor do Charleston Mercury e publicada em dezanove de maio de 1868.

Mude-se para aqui e compre terras, o que poderá ser feito através de crédito em quatro anos, a vinte e dois centavos por acre, o melhor que vi em qualquer ponto dos Estados Unidos, mesmo nas áreas mais ricas do Alabama. Com a ajuda de seus filhos, você estará tão independente, dentro de um ano, como qualquer pessoa necessita. Traga todas as ferramentas que puder, pois, em geral, as daí são melhores das que as que se encontram por aqui. Traga todos os utensílios domésticos, exceto os artigos de madeira muito pesados. Traga tantos tipos de semente lhe sejam possíveis, mudas de figo e uva... Com isso não terá receio de começar [...] (CHARLESTON MERCURY, 1868 *apud* HARTER, 1985:29-30).

Essas e outras cartas, escritas muitas vezes para parentes que ficaram nos Estados Unidos da América, mantiveram a febre da migração em ascensão.

Esses imigrantes trouxeram a técnica do plantio do algodão e implementos agrícolas, entre eles o arado que promoveu uma revolução na agricultura daquela época. Também foram os primeiros a produzir melancia no Brasil. A arquitetura dessas famílias era parecida com a do Sul dos Estados Unidos, não faltando nelas a lareira e o piano (BASTO, 1970).

Entretanto, a idéia de que os confederados teriam realizado uma revolução agrícola no Brasil, é contestada por Silva (2011) em sua tese de Doutorado, pois o autor acredita que as ferramentas sulistas eram de qualidade inferior, uma vez que os escravos as quebravam com mais frequência, ou mais pesadas, como a "enxada negra", encontrada na Virgínia, esta, mais pesada que as encontradas no Norte. Implementos caros como o semeador de milho, inventado em 1853, eram delicados e poupadores de mão de obra. O senhor sulista não tinha intenção de poupar a sua mão de obra mantendo parte dela ociosa até a colheita, onde eram necessários muitos braços. Não havia então por que acreditar que os sulistas trouxeram para o Brasil ferramentas modernas com a qual o Brasil passou a produzir mais, já que sendo o sulista avesso ao trabalho manual e as técnicas, não teria ele, já na sua chegada, criado tamanha revolução nas práticas brasileiras.

O Imperador D. Pedro II era admirador da causa Confederada, e via com muito bons olhos a chegada desses imigrantes para se estabelecerem no Brasil. Para estimular e facilitar a vinda desses imigrantes, o Imperador mandou abrir escritórios na embaixada brasileira em Washington e no consulado de Nova York, subsidiou passagens de navio, providenciou esquema administrativo para recebê-los, acomodação grátis no Hotel dos Imigrantes no Rio de Janeiro até que eles partissem para as regiões que pretendiam

⁵ Filho de um imigrante alemão, Charles Grandison Gunter nasceu em 28 de fevereiro de 1806 na Carolina do Norte. Quando se mudou para o Alabama em 1833, Gunter abandonou a advocacia e se tornou financista e fazendeiro escravista e grande produtor de algodão. Foi membro do legislativo do estado do Alabama, na câmara dos representantes, de 1847 a 1848 e 1849 a 1850, por Montgomery, onde propôs a lei que regulamentava os direitos de propriedade das esposas sobre seus bens, e a limitação dos direitos do marido sobre os mesmos. Conhecida como "lei Gunter" é considerada como um dos primeiros passos no que tange aos direitos equitativos e à emancipação da mulher no Alabama, aprovada em 1º de março de 1848. Gunter também propôs emendas às leis de regulamentação da caça, aparentemente com o objetivo de proteger caçadores e, um projeto de lei sobre escravidão que obrigava os proprietários de terras a manterem feitores brancos em suas fazendas, quando eles não residissem nas mesmas (SILVA, 2011).

colonizar. Aos naturalizados, ele garantia os mesmos direitos do cidadão brasileiro, exceto o de ser deputado ou ministro de Estado e Regente do Império (HARTER, 1985).

Em relação aos motivos que impulsionaram a imigração para o Brasil, uma vez que os Estados Unidos da América era um país que começa a se industrializar e o Brasil uma terra distante e desconhecida a milhares de quilômetros da terra natal, é considerado os aspectos mais humanos, como o orgulho dos sulistas após a derrota na guerra, o ódio que eles nutriam pelos nortistas, a necessidade de preservar os valores culturais do sul.

O Brasil era atrativo por ainda manter a escravidão, mas já estava num processo que certamente culminaria com a abolição, desde 1850 o tráfico estava proibido. Se a questão fosse só a escravidão, Cuba seria mais interessante, distante apenas um dia de viagem da Flórida, era uma opção muito mais próxima do que o Brasil distante oito mil quilômetros. Também as supostas oportunidades econômicas por si só não se justificariam, no Oeste dos Estados Unidos da América, terras estavam sendo vendidas por 1,25 dólares o acre, o que era muito mais vantajoso do que se aventurar por terras estranhas. O Oeste tinha também ao seu favor a língua conhecida, os costumes e patrimônio semelhante, mas a lembrança da guerra, os ressentimentos contra os ianques os impeliam a querer se isolar e estabelecerem suas colônias onde pudessem manter seus costumes sulistas (HARTER, 1985).

Para Silva (2011), a escravidão é o principal fator de atração e permanência sulista no império, além do Brasil, só Cuba mantinha o regime escravista, contudo não havia a disponibilidade de terras como no Brasil pelo fato dela ser uma ilha.

Ainda na década de 1870, os sonhos de formar robustas e duradouras colônias de Confederados no Brasil dos líderes McMuller, Dunn, Gunter, e Gaston se desfizeram. A previsão de uma imigração em massa não se concretizou, os grupos que para cá vieram já tinham começado a se desfazer e dispersar, o abraqueiramento começou a acontecer assim que eles começaram a dominar o português, a influência cultural local rompeu o isolamento. Muitos imigrados se casaram com brasileiros descendentes de alemão, italiano e português (HARTER, 1985).

O temperamento do colonizador norte americano sulista não era adepto ao confinamento da vida grupal. Se o individualismo dos colonos e a ferocidade terrível de seus homens serviram para lutar contra os nortistas, essas características não convieram para a colonização. Além disso, as terras ocupadas não eram próprias para o cultivo do algodão ou café, que poderiam dar os vultosos ganhos que aqueles homens esperavam (HARTER, 1985).

Esses fatores humanos e psicológicos levaram a uma precoce extinção das comunidades de New Texas, Paranaguá, o grupo do Amazonas, Iguapé e Rio Doce. Somente Santa Bárbara, depois Americana, ainda continuavam em crescimento na década de 1870. Essa colônia teve sucesso devido a sua terra roxa, que proporcionou durante algum tempo vultosos lucros aos fazendeiros. Americana acabou se tornando ponto de atração para os confederados espalhados pelo Brasil (HARTER, 1985)⁶.

⁶ Em Americana a 114 quilômetros da cidade de São Paulo, e fácil encontrar sobrenomes como Jonis, Norris, Mac Knight, Vaughan, Steagall, Cullen, que chegaram a região em 1866. No Espírito Santo, localizados às margens do Rio Doce encontramos os Gunter, Coburn, Stow, Mc Inter, e outros. No Pará, Kramer, Nolens, Joiner, Wells, Wood, Kollinger, White, Howell, Davis, Gorman, Moore, e outros (BASTO, 1970).

Um perito agrícola de Americana⁷ que viajou pelo Brasil, afirmou que o declínio do Sul dos Estados Unidos se deu não pela abolição dos escravos, mas pelo sistema de “**exaurir e partir**”, ou seja, esgotar a terra plantando sistematicamente e depois abandoná-la para ir plantar em outro lugar. Do mesmo modo, eles agiram no Brasil o que fez com que as colônias confederadas se dispersassem (HARTER, 1985).

Enquanto no Oeste americano os pioneiros tentavam se estabelecer próximo a cidades que já existiam e assim ter os serviços essenciais, no Brasil os Confederados tentaram reproduzir as fazendas sulistas, construindo suas casas longes uma das outras e tentando se tornar os mais autos suficientes possível, de maneira que não conseguiram desenvolver nenhuma economia capaz de fazer surgir uma cidade.

Em Americana ocorreu de forma diversa, eles se estabeleceram próximos ao lugar demarcado onde passariam os trilhos de uma ferrovia, esse agrupamento representou o início de uma cidade, depois com um sistema eficiente de transporte a cidade só precisou crescer (HARTER, 1985). Por seu turno, Júlia Keyes elenca que se não tivessem cometido o grande equívoco de se separarem, seria provável que tivessem sido mais “bem sucedidos”.

Em relação a então província do Espírito Santo, dados encontrados no Arquivo Público do estado em questão, mostram um total de 167 imigrantes norte-americanos imigrados para as terras capixabas durante o século XIX. Desse total, a maioria dos imigrantes teve como destino a “[...] “Colônia Gunter”, criada em 1867 nos arredores da lagoa Juparanã, em Linhares, pelo Coronel Charles Grandison Gunter [...]” (FRANCESCHETTO, 2014:1171).

Charles Gunter seria o intermediário entre os colonos confederados e o governo brasileiro, cabendo a ele a decisão sobre quem fazia parte da colônia, bem como a divisão e área das terras a serem vendidas. As análises feitas por Silva (2011) mostram a intencionalidade de Gunter em permanecer no Brasil - onde esperava conseguir terras e escravos -, já que após visitar o norte da província do Rio de Janeiro, Itabapoana, Campos dos Goytacazes e Santos (São Paulo) no ano de 1866, se dirigiu ao Espírito Santo junto com toda a sua família.

Em carta endereçada ao filho no Alabama, Gunter expressou seu desejo de trazer ao Brasil alguns escravos que julgava necessários para a agricultura, em especial para o manuseio do arado, mas tal perspectiva foi barrada ante a proibição do Governo nacional em deixar qualquer negro embarcar nos portos brasileiros, seja eles livres ou cativos. Também mostrou sua intenção em trazer jovens trabalhadores do Alabama para realizarem uma atividade indispensável em uma fazenda escravista: repressão, vigilância e supervisão do trabalho compulsório, atividade subsidiária, porém imprescindível ao funcionamento de *plantations* escravistas, acreditava poder torná-los ricos ante a possibilidade destes adquirirem sua própria fazenda e escravos trabalhando como feitores e administradores (SILVA, 2011).

Charles Gunter estava autorizado a vender terras a US\$ 0,22 por acre na área próxima a Linhares e a adiantar a passagem, que deveria ser paga pelos imigrantes em até 5 anos. Dizia estar muito velho para tocar uma fazenda, e ambicionava empregar jovens sulistas como administradores e feitores. Também possuía intenção em administrar uma serraria, pois havia comprado um motor portátil e demais acessórios, calculando o custo total entre US\$ 2.000,00 e US\$ 2.500,00. Por se tratar uma área de mata nativa, decidiu aproveitar a madeira que do contrário seria inutilizada após a abertura da mata para o estabelecimento das

7 Charles Wargley, Brazil (New York: Columbia Universit Press, 1979) *apud* Harter, 1985.

plantações. De fato, o governo imperial posteriormente decidiu proibir a exploração de Jacarandá no vale do rio Doce, realizada de maneira indiscriminada. As fontes referem-se a uma possível associação entre Gunter e a família Calmon, que estava transportando as toras da valiosa madeira até o Rio de Janeiro, indicando uma parceria entre a elite local e os imigrantes [...] (SILVA, 2011: 317).

Confederados no Espírito Santo

Nossa pesquisa sobre a imigração norte-americana para o Espírito Santo⁸ tomou como base o livro “Nossa vida no Brasil”, originalmente escrito por Julia Louisa Lee Hentz Keyes em 1874, cuja versão original se encontra no arquivo histórico do estado do Alabama, Estados Unidos.

Julia Louisa Lee Hentz Keyes era filha da romancista Carolina Lee W. Hentz, autora do livro “A noiva nortista do fazendeiro”, um romance publicado em 1854 como resposta ao livro “A cabana do pai Tomás”⁹ e, que buscou retratar a escravidão sem os supostos preconceitos nortistas contra a escravidão. Em seu romance, Carolina Hentz defendia a superioridade do regime escravocrata, este, um “[...] sistema social harmônico, cujas inquietações, distúrbios e, principalmente, os conflitos, advinham apenas da interferência externa inescrupulosa [...]” (KEYES, 2013:23).

As informações do manuscrito dão conta de oito a dez mil imigrantes confederados saídos, após a Guerra Civil Americana, dos Estados Unidos em direção a países como o Brasil, Canadá, México, Cuba, Venezuela, sendo que em terras brasileiras teriam aportado a maior quantidade desses imigrantes, entre dois a quatro mil. Tais números, apesar de menores em relação às demais nacionalidades que teriam optado por migrarem para o Brasil, expressam peculiaridades diferenciadas em relação aos motivos que levaram os norte-americanos da parte sul dos Estados Unidos a se dirigirem as terras do Império.

Ainda que em busca por melhores condições econômicas, a essência da emigração dos norte-americanos esteve diretamente relacionada a questões políticas, pois a derrota dos sulistas representou não apenas o fim da escravidão, mas também a suspensão dos direitos políticos daqueles que pegaram em armas contra a União, pois as estimativas mostram “[...] que algo em torno de 16% a 18% das famílias sulistas, entre os brancos, tenha considerado deixar os EUA após a guerra” (SIMMONS JR., D.C., 2001 *apud* SILVA, 2013:12).

Nas memórias de Julia Keyes é possível perceber a enorme diferença socioeconômica que os separava da maioria dos imigrantes europeus vindo para o Brasil no mesmo período, pois apesar de viajarem na classe econômica, ao partirem da cidade de Nova Orleans, haviam comprado mobílias, frutas, cervejas e vinho para a viagem. Dentre essas peculiaridades ela conta que tinham no navio¹⁰ espaço suficiente entre as fileiras de camas, além de prateleiras onde colocaram sacolas, xales, livros e, que sendo o dormitório próximo à escotilha, desfrutavam de uma brisa constante.

8 Não é tema de nosso trabalho os 29 imigrantes enviados por Quintino Bocaiuva a Santa Leopoldina, muitos deles, imigrantes de segunda mão (já haviam imigrado da Europa para os Estados Unidos e de lá para o Brasil), um grupo heterogêneo, catados na cidade de Nova York e enviados ao Brasil pelo ilustre agente de imigração o senhor Bocaiuva que recebia por cabeça (SILVA, 2011).

9 O romance “A cabana do pai Tomás” teve forte impacto em solo brasileiro, pois as ideias e os panfletos vindos de fora despertavam entusiasmo e serviam de inspiração para as campanhas abolicionistas (COSTA, 2010).

10 O navio fora contratado por 40.000 dólares em espécie pelo governo brasileiro para trazer imigrantes sulistas ao Império, sendo o valor por imigrante de 60 dólares-ouro que deveriam ser pagos ao final de quatro anos em prestações bianuais (KEYES, 2013:55).

O primeiro contato da família Keyes com o Rio de Janeiro, ainda que breve, deixou belas impressões à Julia. Apesar da estreiteza das ruas e do barulho intenso, ela se mostrou maravilhada com o ritmo, as casas, os costumes das compras ao anoitecer e a enorme quantidade de artigos e de alimentos encontrados na cidade. Também teceu elogios ao sistema de esgoto e a arquitetura das ruas, essas, ao convergirem para o centro, permitiam que as chuvas carregassem todo o lixo acumulado.

O contato inicial e a estadia no Rio de Janeiro, apesar de breve, deixa-nos transparecer as peculiaridades, ou antes, as diferenças, entre a maioria dos confederados aqui aportados em relação aos escritos e relatos sobre as famílias imigrantes da Europa vindas para o Brasil a partir de meados do século XIX. Tais fatos são corroborados pelas narrativas encontradas no livro de Julia Keyes, principalmente quando nos é relatado os passeios pela cidade e os jantares frequentados pela família naqueles inebriantes dias que antecederam sua vinda para a província capixaba.

Porém, a rápida passagem por Vitória, antes da subida rumo à foz do Rio Doce, é relatada pela estranheza de ter encontrado uma cidade feia, permeada de casas velhas, feitas de pedra e barro, com telhados sujos, com ruas imundas e sem qualquer atrativo em suas lojas, excetua-se a esta imagem apenas o belo cenário de suas montanhas ao fundo.

Em seus relatos, Julia Keyes descreve que a estreita relação de sua família com os Gunter, teria sido decisiva na escolha por se instalarem em Linhares, onde permaneceram por quase um ano, entre junho de 1867 e maio de 1868, tendo posteriormente residido na cidade do Rio de Janeiro, antes de regressarem para os Estados Unidos no ano de 1870. Julia era esposa de John Washington Keyes, “[...] um dos poucos confederados que não era possuidor de terras nos EUA [...]” (SILVA, 2011:317) “e fortemente influenciado pelos ideais escravistas sulistas, fato que corroborou profundamente nos anseios da família Keyes em partir para o Brasil.

Sobre a aquisição de terras, estava acertado que o Governo brasileiro as venderia em qualquer localidade escolhida sob o preço de 1 a 2 réis a braça quadrada. Estariam obrigados apenas a cederem pedaços de terra quando da necessidade de abertura de estradas, a permitirem livre acesso aos vizinhos em direção às estradas públicas, portos ou cidades, a permissão do fluxo de água não utilizada e a submissão à legislatura da descoberta de quaisquer minas encontradas.

Julia Keyes tece descrições minuciosas sobre a vida selvagem nas terras do norte da província espírito-santense, tendo deixado observações valiosas sobre as relações de gênero encontradas na sociedade brasileira. Causou-lhe estranheza o fato de as mulheres brasileiras, mesmo em grandes cidades como no Rio de Janeiro, nunca saírem de suas casas desacompanhadas, sendo que em Linhares, ela ainda acrescenta inexistir escolas para a instrução das meninas, além do enorme desequilíbrio entre as tarefas desempenhadas entre homens e mulheres, estas, assistiam seus consortes fumarem cigarros em frente das casas, enquanto carregavam águas em talhas de barro em suas cabeças.

Na sua incessante busca por conseguir uma ajudante doméstica, Julia Keyes expõe a grande dificuldade em distinguir entre as brasileiras, quem era senhora dona de casa ou serviçal, já que a enorme miscigenação do povo local causava-lhe confusão, afora o fato dos norte-americanos entenderem a posição social de uma pessoa através da cor se sua pele, “[...] utilizando o critério de estratificação da sociedade sulista dos

Estados Unidos, o que os impedia de compreenderem os motivos pelos quais os negros livres se negavam a trabalhar para eles, os brancos (KEYES, 2013:39)¹¹.

Os Keyes permaneceram pouco tempo na vila de Linhares, tendo se mudado para as proximidades da lagoa Juparanã. Julia se admirava com a capacidade dos brasileiros em viverem com completa falta de conforto e, se mostrou angustiada em morar numa casa improvisada (antes um galinheiro), com goteiras no teto e o incomodo com os insetos, mas mostrava-se ansiosa pela nova casa que estavam a construir. Esses relatos são intercalados com descrições pormenorizadas sobre o clima local e as belas paisagens encontradas e, pelo sentimento de culpa por parte de Julia por terem se servido de macacos para alimentação, o que lhe causou certo sentimento de canibalismo.

Julia Keyes descreve maravilhada as belezas naturais da região, cenário que contrastava com a lentidão das pessoas, as visitas de multidões no mesmo espaço de tempo e com a dificuldade em encontrar mão de obra para a realização de serviços básicos como o de polir o assoalho da casa. As mulheres locais quase sempre aproveitavam seus momentos de folga para costurarem - parecendo um passatempo favorito, hábito mantido inclusive no Sabá, este visto apenas como um feriado.

Os Keyes, diferentes da maioria dos confederados instalados em Linhares, não possuíam escravos, e quando a filha Jenny contraiu febre amarela no início de 1868, o capitão Johnson lhes ofereceu uma para os serviços domésticos. Julia lembra que os confederados eram próximos as famílias de maior influência em Linhares, em especial a família Calmon.

A família Keyes resolveu deixar a lagoa Juparanã em meados de 1868, quando o filho George adoeceu. Foram morar no Rio de Janeiro, de onde partiram em 1870 para os Estados Unidos.

Na passagem da família Keyes pelo Rio de Janeiro, John Washington Keyes, esposo de Julia Keyes, arrendou uma ilha na baía da Guanabara (Dixie), esta, uma antiga propriedade do general confederado Alexander Travis Hawthorne. John voltou a exercer sua profissão na área da odontologia, passando os dias da semana no continente, retornando a sua casa apenas nos finais de semana. Apesar de seus pouco mais de 22 ha, o antigo proprietário da ilha havia mandado plantar uma infinidade de frutas tropicais, outras oriundas dos Estados Unidos e uma quantidade enorme de abacaxis, estes, espalhados por quase toda a localidade. A família Keyes podia contar com a mão de obra de um jardineiro inglês (o senhor Payne) e de sua esposa, assim como dos serviços da escrava Joana (adquirida por Jonh Keyes quando ainda estavam em Linhares) e do velho escravo Januário, na época, morador da ilha a mais de quarenta anos e pertencente ao proprietário, o general Hawthorne.

Por sete curtos meses os Keyes permaneceram na ilha, mas ela foi vendida por seu proprietário a alguns cavalheiros ingleses. Viveram na localidade de Pau Grande no município de Magé e na vila de São Domingos, próximo ao Rio de Janeiro antes de retornarem a sua cidade natal, Motgomery (Alabama) em 12 de agosto de 1870.

Referência

¹¹ “Ao mencionar o trabalho doméstico executado com suas próprias mãos, Keyes dá sinais de que este não era seu costume nos EUA. De fato, o censo estadunidense de 1860 apresenta dois escravos em posse dos Keyes, provavelmente domésticos” (Silva, 2011:333).

AGUIAR, Letícia. **Imigrantes norte-americanos no Brasil**: mito e realidade, o caso de Santa Bárbara. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas). UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Campinas, 2009. Disponível em: file:///D:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/AguiarLeticia_M.pdf. Acesso: 17-06-2015.

BASTO, Fernando Lazaro de Barros. **Síntese da história da imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., 1970.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: UNESP, 2010.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**: Espírito Santo (base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

HARTER, Eugene C. **A colônia perdida da Confederação**: a imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra da Secessão. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

KEYES, Julia Louisa. **Nossa vida no Brasil**: imigração norte-americana no Espírito Santo 1867-1870. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

SILVA, Céilo Antônio Alcântara. **Capitalismo e escravidão**: a imigração Confederada para o Brasil. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico). UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000817373>. Acesso: 17-06-2015.